

CAPÍTULO 2

NARRATIVAS DE UMA MULHER EM CONTEXTO PRISIONAL: UMA ANÁLISE A PARTIR DA SOCIOLOGIA DISPOSICIONAL DE BERNARD LAHIRE



<https://doi.org/10.22533/at.ed.477112501042>

Data de aceite: 07/04/2025

Lourdes Helena Martins da Silva

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas, docente do Curso de Direito da URCAMP,

RESUMO: O encarceramento feminino no Brasil é fenômeno que se relaciona com o processo de criminalização da pobreza de mulheres marcadas por diferenciadores sociais. As desigualdades sociais são um fenômeno complexo que se manifestam de diversas formas, impactando a vida de muitas pessoas e famílias. O conceito de “disposições” de Lahire (2004, 2005, 2008) oferece uma perspectiva interessante para compreender como as estruturas internas podem orientar a maneira como os indivíduos percebem o mundo e reagem a ele. Buscou-se compreender, a partir da narrativa de uma mulher presa pelo tráfico de drogas que cumpriu pena em uma unidade prisional gaúcha, como se deu a mobilização de seu patrimônio individual nas suas experiências de vida, no cotidiano do cárcere, no processo de construção de sua identidade. Trata-se de uma análise qualitativa, com o

uso do método biográfico da história de vida. Optou-se por entrevistas com uma mulher que se autodeclara negra por ela reunir várias categorias de diferenciação social em sua narrativa. A narrativa de Maria permite compreender como se deu a mobilização de seus esquemas de ação, a partir de quadros socializadores como família, escola, relacionamentos afetivos, vivências na prisão. A análise de Lahire convida a olhar além do estigma da criminalidade, permitindo uma reflexão sobre as estruturas sociais que produzem e reproduzem desigualdades.

PALAVRAS-CHAVE: mulheres, prisão, disposições

INTRODUÇÃO

Acompanhando um fenômeno mundial, com suas particularidades, o fenômeno da criminalidade feminina no Brasil, tem ganhado destaque nas pesquisas sociais, especialmente quando analisado à luz de contextos de desigualdade social. O tráfico de drogas tem sido o tipo penal mais frequentemente

determinante do encarceramento de mulheres – assim, embora seja uma atividade amplamente associada a um universo masculino, tem apresentado um crescente número de mulheres envolvidas. Este artigo busca explorar as narrativas de uma mulher presa por tráfico de drogas, utilizando como referência teórica o conceito de disposições proposto por Bernard Lahire. A proposta é investigar como essas disposições individuais se entrelaçam com as condições sociais, econômicas e culturais que permeiam a vida das mulheres nas camadas mais vulneráveis da sociedade. A pesquisa sobre a criminalidade feminina, especialmente no contexto do tráfico de drogas, possibilita uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas sociais que impulsionam essas mulheres a ingressar em atividades ilícitas. A narrativa de uma mulher presa por seu envolvimento com o comércio ilegal de drogas, oferece um espaço privilegiado para a expressão de suas vivências, das pressões enfrentadas e das desigualdades que marcam sua trajetória. Assim, ao relacionar as disposições individuais a fatores sociais, este estudo busca contribuir para uma leitura mais crítica da criminalidade feminina, destacando as nuances da experiência de mulheres que, em situações de vulnerabilidade, acabam por se ver envolvidas em uma rede complexa de violência, pobreza e marginalização.

DAS DISPOSIÇÕES COMO PATRIMÔNIO INDIVIDUAL

Lahire buscou “compreender biografias individuais sociologicamente”, para entender, em sua teoria da ação, “como e por que os atores tomam as decisões que tomam e vivem as vidas que vivem” (Vandenbergh, 2017, p.2). Na sociologia contextual e disposicional de Lahire, o presente pode ser pensado “em termos de passado - disposições e sua ativação em contextos particulares no presente”. (op, cit).

O uso da história de vida permite analisar “singularidades individuais” possibilitando explicar o social pelo social (Lahire, 2012, p. 279).

Falar em sociologia em escala do individual, segundo Lahire (2016, p. 2):

significa que o mundo social não se apresenta somente enquanto realidades exteriores (coletivas e institucionais), pois que existe também em estado dobrado, quer dizer sob a forma de disposições e de competências incorporadas. Cada indivíduo porta em si competências e disposições a pensar, sentir e agir, que são os produtos de suas experiências socializadoras múltipla

Cada pessoa é influenciada por um conjunto único de experiências e contextos sociais que resultam em um patrimônio individual. As práticas de vida dos indivíduos são influenciadas pelas disposições patrimoniais, sendo moldadas pelas situações em que se encontram. Assim, as disposições podem se manifestar de maneiras diferentes dependendo do contexto (Lahire, 2001).

O indivíduo carrega consigo esquemas de ações ou disposições, como explica Lahire (2012, p. 288):

As práticas humanas são assombradas por esquemas ou disposições que são testemunhas de um passado sedimentado no interior do corpo socializado. Para compreendê-las verdadeiramente, é preciso, portanto, encontrar por trás de um determinado comportamento as estruturas historicamente e biograficamente constituídas, que se manifestam através desse comportamento. As estruturas que presidem a produção de comportamentos (atos ou formas de expressão) preexistem à análise e são os produtos de uma história incorporada; são esquemas ou disposições internalizadas pelos indivíduos.

As disposições individuais podem variar conforme as diversas dimensões da vida, das experiências únicas de cada pessoa e da diversidade de disposições de cada um (Lahire, 2008).

A sociologia disposicionalista de Lahire busca entender como os indivíduos mobilizam seus esquemas de ação ou patrimônios de disposições em pluralidade de contextos que servem como molas da ação (Rodrigues, 2018) que podem ou não serem acionadas.

Em sua proposta de análise sociológica na escala do indivíduo (Lahire 2008), tem-se a percepção de que as disposições são heterogêneas (Lahire, 2001) estando o ator social inserido em uma “pluralidade de mundos sociais com princípios de socialização heterogêneos” (Marangon, 2003) que se revelam e estruturam as diferentes práticas e interações sociais.

Quando se busca a sociologia disposicionalista não se pretende a “generalização” de um caso particular, já que com esta perspectiva se busca suplantar uma visão homogênea dos fenômenos sociais, considerando-se a “pluralidade das lógicas de ação sobre as formas de incorporação do social” (Lahire, 2001, p. 15). Considera-se, nesta perspectiva, a “multipertença dos atores individuais, as suas socializações sucessivas ou simultâneas em grupos variados e a pluralidade dos pontos de vista que eles podem mobilizar”.

O construto teórico de Lahire permite a “apreensão do social” “captada em escala individual, na medida em que o olhar aproximado sobre os indivíduos capta as possibilidades múltiplas de singularização do social” (Boaes; Oliveira; Assis, 2019, p;15).

A apreensão do social quando analisada em escala individual, pode revelar processos complexos de mobilização do patrimônio individual em mulheres que vivenciam a experiência da inserção na criminalidade e no encarceramento.

DA HISTÓRIA DE MARIA

A história de vida permite analisar “singularidades individuais” possibilitando explicar o social pelo social (Lahire, 2012, p. 279).

Maria é o nome fictício escolhido para uma mulher que cumpriu duas penas privativas de liberdade por tráfico de drogas, no Presídio Regional de Bagé. Como no início deste trabalho de pesquisa, não se tinha ainda a autorização¹ da Polícia Penal do Estado do

1. A autorização para que as entrevistas fossem realizadas aconteceram no final de 2022.

Rio Grande do Sul² para realização do estudo, foi necessário iniciar buscando quem já estivesse “fora” do Presídio por ter sido contemplada com prisão domiciliar ou livramento condicional. O nome de Maria foi apontado pelo então Diretor do Presídio Regional de Bagé, interior do Rio Grande do Sul, por ser ela uma “pessoa muito comunicativa”.

A opção por ouvi-la aconteceu após essa indicação ter sido espontaneamente reiterada, por várias pessoas do sistema penitenciário. Importante esclarecer que naquele momento a pesquisadora precisava entrar no campo de pesquisa para poder iniciar seu trabalho.

A primeira entrevista aconteceu no dia 22 de dezembro de 2021 quando ela ainda residia na casa do pai de seu companheiro, em um bairro periférico. Maria estava morando desde 10 de setembro de 2021, com o sogro, que a acolheu quando foi para prisão domiciliar por haver progredido para o regime aberto, considerando-se que sua família não residia na região onde estava a unidade prisional onde cumpriu sua pena. Na primeira vez que esteve presa, com uma condenação de cinco anos e dois meses, cumpriu sua pena de 27 de outubro de 2009 à 23 de dezembro de 2012, quando saiu em livramento condicional. Sua segunda condenação importou em uma pena oito anos e dois meses, tendo seu cumprimento iniciado em 27 de agosto de 2015, tendo saído para prisão domiciliar (regime aberto) em setembro de 2021, concluindo seu cumprimento em 30 de julho de 2022.

A entrevista foi estruturada a partir de tópicos que seriam abordados, que pudessem captar “os efeitos causados pelas matrizes socializadoras” que “são a família, a escola e o trabalho” e outras instituições e instâncias que pudessem importar nos “universos de socialização”, como o lugar do tráfico e a prisão, seus relacionamentos e seu cotidiano nesses espaços, pretendendo-se identificar os contextos e as pessoas com quem mais significativamente interagiu, buscando-se “captar a pluralidades dos princípios de socialização entre os membros significativos da constelação social dos pesquisados (Lahire, 2004, p. 38).

A primeira entrevista, que durou quatro horas, aconteceu no jardim da casa do sogro, lugar que escolheu para que pudesse falar sem qualquer constrangimento pela presença do pai daquele que era seu companheiro. As falas de Maria, seu canto, as tantas expressões faciais, seu riso, ilustravam a história de vida de uma mulher que enfrentou muitos sofrimentos, como ela destacou em várias oportunidades, viveu muitas emoções, especialmente durante seu processo de encarceramento. Maria quis falar, quis cantar, quis contar e recontar, talvez porque estivesse em um processo de “reconstrução de si”, na (re) definição de “seu lugar social e suas relações com os outros” (Pollack, 1989, p. 14).

2. A Polícia Penal é o órgão estatal encarregado da execução das penas privativas de liberdade. A extinção da Superintendência dos Serviços Penais no Rio Grande do Sul foi extinta em agosto de 2022 e a denominação do órgão encarregado da execução da pena passou a ser a Polícia Penal que assume, a partir daí, a atribuição de executar a política penitenciária no RS.

Ao falar de sua família, contou que o pai trabalhava na construção civil- havia sido mestre de obras e depois engenheiro, no Estado de origem. Nas suas memórias, a lembrança de que o pai passava viajando em razão das obras em que trabalha.

O pai de Maria sempre trabalhou. Com 39 anos foi estudar, fazer engenharia, lembra que “não podia fazer um barulho dentro de casa” que era lugar de “um monte de livros”, com ele lá “durinho” estudando. Seu pai foi sempre uma pessoa rigorosa, que exigia que os filhos estudassem.

A mãe não trabalhava, concluiu o ensino fundamental, só cuidava da casa e dos filhos, que eram muitos e que “davam trabalho suficiente” a ela.

Depois que teve seus irmãos, a mãe não aceitou mais morar em uma “perigosa” favela de Belo Horizonte, onde residiam- e fez o pai comprar uma casa no bairro onde até hoje seu pai reside.

As brigas da mãe com os vizinhos da favela não mais aconteceram no bairro onde passaram a residir.

A mãe deixou de frequentar os terreiros onde professava a religião umbandista, depois que passou a frequentar a Igreja Quadrangular, a convite de uma tia. O pai de Maria, bebia. Até que a mãe conseguiu que ele largasse da bebida.

Depois que a mãe se converteu evangélica, fez o pai também passar a frequentar a mesma Igreja.

Por influência materna, Maria passou a ir aos cultos, onde aprendeu a tocar violão e onde começou a cantar.

Maria completou o ensino médio e trabalhava em um escritório, onde conheceu o primeiro marido. Depois começou a estudar música.

Maria foi cantar em bailes- a música sempre presente em suas narrativas- um dos dois filhos também canta na Igreja e em uma banda gospel- aquele que permaneceu em Minas Gerais e que, diferentemente do outro filho, não experimentou a privação de liberdade.

Maria tem outras três irmãs: uma reside no Sudeste do país é médica, a outra tem um salão de beleza A irmã mais nova está com 45 anos de idade e trabalha em uma empresa que montou com o marido, vendendo produtos de limpeza. Os dois irmãos trabalham um como chefe de cozinha e o outro trabalha para uma empresa, há muitos anos.

Nem seus pais, nem seus irmãos cumpriram pena pela prática de algum crime, embora um dos irmãos tenha sido acusado, pela própria esposa, do furto de algumas facas:

porque uma cunhada minha por ciúme, ele é chefe de cozinha, então ele tinha todas as facas né? E como ela não tinha do que acusar, disse que ele tinha roubado aquilo do restaurante que ele trabalhava, sendo que foi meu pai que comprou na época, ele fazia o curso. Foi provado direitinho, certinho, só eu mesmo a ovelha negra.

Apesar de contemplar suas narrativas sobre a família com boas lembranças, Maria por vezes fala dos problemas que cada um deles enfrentava.

Lahire (2011, p. 15) aponta para a família como espaço primário de socialização, chamando atenção:

a família nunca é este organismo coerente, homogéneo e harmonioso como nas visões encantadas, ou tão simplesmente em sobrevoo, como muitas visões macrossociológicas do “meio familiar”, enquanto meio definido por algumas grandes propriedades sintéticas sociais, podem incitar. Não só as pessoas que formam entre eles a configuração familiar – pai, mãe, irmãos, avós, tios e tias, primos, sobrinhos e sobrinhas, mas também, nas famílias burguesas, babysitters, cozinheiras, domésticos, tutores vários – são portadores de diferentes propriedades sociais⁴, mas as tensões potenciais múltiplas entre todos os envolvidos, as competições possíveis entre irmãos, as relações de força entre os pais ou, mais amplamente, entre os ramos paterno e materno, as relações de dominação que se desenvolvem entre pais e filhos, entre irmãos, etc. fazem com que a criança não possa ser o produto de uma espécie de “banho socializador” contínuo, indiferenciado, fluido e harmonioso.

Na família o indivíduo comece a desenvolver seu patrimônio de esquemas de ação. Os esquemas de ação que “são adquiridos nas experiências dos indivíduos no interior de cada contexto social” e que são ativados em outras situações ou contextos (Lahire, 2001, p. 138).

Os pais de Maria tinham comportamentos e temperamentos diversos- o pai ainda está vivo, agora com 81 anos, mas como a mãe, não aceitava o fato de a filha ter sido condenada pela prática de tráfico de drogas.

A mãe soube de suas condenações e, durante o cumprimento das penas, enquanto era viva, envia-lhe, mensalmente, um SEDEX, com todos os produtos de higiene, alimentos não perecíveis e materiais para confecção de suas “bonecas de pano”.

A encomenda que vinha mensalmente por via do SEDEX acompanhada de alguma coisa escrita enchia os dias seguintes de Maria. A chegada do SEDEX preenchia a ausência da família. Por vezes, as irmãs lhe enviavam o SEDEX, por vezes a mãe. Aqui “o escrito permite agir à distância ou, em todo caso, fora da presença imediata daquele que entende agir” (Lahire, 2001, p. 173), reforçando o funcionamento do “hábito enfraquecido”, da memória incorporada dos laços familiares.

Dois anos depois, em entrevista realizada com uma das policiais penais sobre Maria, a lembrança dos SEDEX que ela recebia e que eram “diferenciados” dos demais.

Contou como a mãe recebeu a notícia da primeira prisão:

Deixa-me contar, essa foi boa, foi dolorosa. Nessa época o telefone dentro da cadeia era muito difícil, pra conseguir um telefone, só que caiu um telefone pra nós porque uma menina se envolveu com um cara que tinha telefone e ele emprestou pra gente e eu não lembra o número e consegui e minha irmã atendeu – “tudo bem? Tudo bom. Sabe quem tá falando? Sei, seca, sequíssima, ela é médica, seca, casada com médico e aí ela disse assim: sei. Sabe mesmo? Sei, só um pouquinho, só que eu to achando que...alô – minha

mãe – (respirou fundo) ela disse assim pra mim: não fala nada, não quero saber o que tu fizeste ou o que deixou de fazer, só que se eu sonhar que tu tá passando trabalho dentro desse lugar, aí tu vais perder tua mãe. Todo o mês meu sedex vinha na primeira cadeia direitinho. Ela botou detetive, ela botou tudo porque ficou um ano sem notícias minhas, ela botou detetive, ela fez horrores pra me achar. Aí tiveram uma ideia, uma advogada que estudava com a minha irmã, vamos ligar para a Polícia, vamos procurar o telefone pela internet, aí ligaram pra Pinheiro Machado, e o policial que atendeu disse: tem duas notícias, uma ruim e uma boa, a boa que sua filha está viva e a ruim é que ela tá detida, está no presídio assim, assim, assado. Então minha mãe disse assim que não importou a notícia do presídio, importou saber que eu estava viva, que eu estava bem e aí começou a mandar o material das bonecas, as lãs para os cabelos, os tecidos para as roupas das bonecas.

A mãe, ao final da vida, teve uma depressão, que Maria imagina ser sua culpa:

faleceu porque achava que nunca mais ia me ver, ela achou que nunca mais ia me ver. Mas esse nunca mais não existe porque a cadeia não é pra sempre e ela tinha o coração muito grande, e eu acho que deixei uma depressão muito grande nela e aquilo foi acumulando e ela realmente faleceu, se atirou, ficou triste.

Maria deixa evidente que seu pai exigia dos filhos senso de responsabilidade pelo trabalho, mas de forma análoga, coloca-se em seus relacionamentos afetivos, da mesma forma com que enxergava a relação de sua mãe com seu genitor- sempre de forma subordinada.

Maria concluiu o ensino médio em sua cidade natal, em uma escola pública, depois, e ainda no Ensino Médio, começou a trabalhar em um escritório. Do tempo de escola não guarda muitas lembranças, não fala quase nada sobre esse tempo, conta que todos os irmãos estudaram e que o trabalho sempre fez parte da vida de seus familiares, do pai, dos irmãos.

Além de uma irmã médica, tem outra que é dona de um salão de beleza, enquanto a terceira casou-se com um químico e trabalham manipulando derivados de petróleo para venderem produtos de limpeza. Quando fala da irmã que é médica, que tem 55 anos, gosta de nominá-la pela profissão, supervalorizando esta condição (apesar de qualificá-la como uma pessoa seca- seca como o pai). Com a irmã que é dona de um salão, nas poucas vezes que pode, quando o trabalho permite, sai para tomar uma “cervejinha”. Com esta e especialmente com a irmã caçula, que hoje tem 43 anos, tem mais proximidade- diz que sempre foi assim. Um dos irmãos é Chefe de cozinha em um restaurante enquanto o outro tem um carro com o qual trabalha como Uber na capital de um dos Estados da Região Sudeste e é segurança em uma universidade federal. Maria destaca que aprendeu com o pai a relevância do valor do trabalho, diz que a mãe nunca trabalhou e, depois corrige-se dizendo que “trabalhou demais cuidando de tantos filhos”, mas, em alguma medida, pelo tom de voz, parece reprovar a postura da genitora, a quem termina desculpando, pelo afeto que dela sempre recebeu, inclusive quando cumpriu suas penas pelo tráfico de drogas.

Ficou muitos anos sem falar com o pai e afastada do convívio da família porque veio para o Sul. Maria conta que recentemente o pai adotou um primo- paternidade socioafetiva- que na verdade fora criado com sua família desde que o menino tinha um ano e sete meses de idade, tendo ele a mesma idade que sua irmã mais nova- hoje com 43 anos, morando com o pai, em decorrência dos problemas de natureza cognitiva que possui.

Maria tem dois filhos de seu primeiro casamento- conta que se casou muito cedo e tinha uma vida muito “normal”, do jeito que o “pai” havia pensado para ela. Ela e o marido trabalhavam no mesmo escritório, casaram-se e já com dezoito anos teve seu primeiro filho e logo a seguir, um segundo filho.

Foi quando então se encantou por uma outra pessoa, separando-se de seu primeiro marido. Nesse momento, sua vida começa a mudar – “muda de meio e de estilo de vida” (Lahire, 2004, p. 48). Vem morar, em 1989, no Rio Grande do Sul, indo para cidade de Rio Grande, depois Porto Alegre, Viamão e Guaíba, acompanhando o novo namorado que tinha vindo trabalhar no Sul, trazendo os dois filhos de seu casamento.

Não demorou muito para que terminasse seu relacionamento com o namorado que a trouxe para o Sul do país, indo para Pelotas, quando começou a trabalhar como cantora:

Aí eu comecei...a única coisa que eu tinha era minha voz, aí eu fui num restaurante e eu disse sou cantora, aí me olharam assim de cabeça...toda assim (gestos), negra, sozinha...tá faz assim...louca de fome, eu tava com a barriga lá no fundo, louca de fome e olhava aqueles 20 reais, que era o dinheiro que eu tinha e não podia gastar, a minha saia eu senti minha saia abrindo e não era, era tudo psicológico e aí eu fui cantar e aí a primeira música que eu cantei foi (Maria canta o início da música de Alcione- “Minha estranha loucura”) e aí todo mundo levantou e aplaudiu e o homem fez de lá assim pra mim (Maria faz o gesto de positivo com a mão), eu tive que cantar oito músicas pra depois ganhar um prato de comida, daí eu fui contratada e fiquei...dali fui pra uma casa noturna, trabalhei 14 anos nessa casa, eu tinha tranças, cabelos trançados, era eu e uma turma boa que trabalhava lá, cantei 14 anos lá.

Arruma um novo companheiro, enquanto cantava na noite pelotense, permanecendo com um dos filhos morando com ela porque o mais novo depois de dois anos, retornou para a Região Sudeste, para a capital onde nasceu, para residir com os avós, concluindo os estudos e trabalhando- “lá ele tinha a avó, queria um tênis, ela podia dar, aqui tinha que esperar eu fazer o dinheiro, e, ainda, dividir com o irmão”. O filho que permaneceu com Maria, não concluiu o ensino fundamental. Desde sua adolescência, ainda em Pelotas, “depois que saiu do quartel” envolveu-se em “complicações”, tendo sido acusado da prática de tráfico de drogas por mais de uma vez. Quando Maria foi presa pela primeira vez, ele já tinha 26 anos, tendo permanecido morando em Pinheiro Machado até 2011 quando foi trabalhar em Candiota, passando a residir naquela cidade onde ficou até 2016, vindo morar em Bagé depois disso. Terminou sendo preso em Bagé, no ano de 2019, cumprindo pena na mesma unidade prisional quando ela esteve cumprindo em sua segunda condenação,

tendo sido transferido, em janeiro de 2023, para o Instituto Penal de Bagé, pela progressão de regime, para realizar trabalho externo (PAC com Prefeitura de Bagé).

O companheiro com quem Maria veio para o Sul, era sustentado por ela, mas isso não foi suficiente para ser fiel a ela que acabou “surpreendendo-o em companhia de outro homem”, e por isso ela desistiu desse relacionamento: “não deu certo- sofri muito”. Em suas narrativas, no final de cada um de seus relacionamentos, destaca o quanto sofreu, como se pudesse se justificar para sua mãe, que não conseguia compreender a vida que tinha e o final de seus casamentos. Depois do encerramento das atividades da casa noturna onde trabalhou por catorze anos, Maria deixa de ser cantora profissional e se torna empresária. O valor do trabalho herdado pelo pai está sempre presente na sua narrativa.

Maria foi morar na cidade de Pinheiro Machado, também no interior gaúcho, depois de comprar uma boate, levando “mulheres” de Pelotas, aquelas que “sofriam abuso dentro das boates”, as que “apanhavam” de companheiros”. Foi nesse momento que Maria começou no tráfico de drogas, segundo ela para poder “manter as dezessete mulheres que lá trabalhavam” porque ali, com os programas, “tinha que ter a droga”:

mulher sem droga não trabalha, quem não usa cocaína usa pedra, quem não usa pedra, usa maconha, então se tu não tens uma droguinha dentro da tua boate pra segurar as mulheres, elas vão buscar longe e elas já não voltam mais e com aquela mulher você tem uma despesa, você tem o dinheiro da babá no outro dia, porque se ela não trabalhou a babá quer receber... A minha boate sozinha não se mantinha, então fazia isso por fora, desculpe né, mas a gente tá sendo franca. Eu fazia isso por fora pra paga a babá, pra paga a luz, tinha luz que vinha 600, 700 reais, o prédio na minha época era 600 reais, a comida, tinha que estar com as carnes no freezer, paga a mulher na cozinha porque eu não conseguia fazer tudo sozinha... Tinha semana que não precisava nem vender droga, mas tinha semana que a coisa apertava, aí tu tinhas que conseguir uma droga pra... Mas era só no momento da festa, dentro da boate, acabou a festa, acabou também, entendeu? A gente enterrava, escondia bem longe (risos). Só que hoje eu não quero mais. Isso pra mim não faz mais sentido...

A droga era comprada em Pinheiro Machado mesmo. No início, a compra da droga foi feita pelo filho mais velho de Maria. Em seus relatos, não quis dizer de quem comprava a droga que vendia. Em entrevista realizada com Tita- outra mulher recolhida ao PRB, responsável pela distribuição de drogas em Pinheiro Machado, ela, espontaneamente, disse ser quem fornecia a droga para Maria.

Rodrigues (2018) destaca que para Lahire são quadros novos de socialização vividos pelo ator social que podem “engendrar novas disposições” - se antes Maria tinha uma vida regrada, com a forte presença de valores religiosos, agora novas relações sociais e um contexto diferente seriam “as molas que projetariam ela para o comércio das drogas.

O contexto de mobilização de novas disposições incorporadas neste contexto de aquisição estava mais próximo do que aquelas presentes na ordem familiar. Alves (2016, p. 310) ressalta que a mobilização de disposições patrimoniais individuais trata de um

“mecanismo mais complexo de suspensão/ação ou de inibição/ativação de disposições,” porque cada pessoa é portadora de uma pluralidade de disposições e vivências ou atravessa uma “pluralidade de contextos sociais”.

Maria quando explica que em sua boate a droga era vendida, deixa claro que vendia droga, mas não se considerava propriamente “traficante”, pois o que fazia era deixar suas funcionárias venderem a droga porque precisava sustentar seu negócio e as mulheres pelas quais era responsável que também eram usuárias. A relação entre sujeito e prática e o processo de subjetivação é uma “construção, como um processo nunca completado” que pode ser “sustentada ou abandonada” (Hall, 2000, p. 107). Se Maria se viu em algum momento como uma “mulher transgressora”, no momento da sua narrativa não há uma identidade com a figura da traficante já que foi presa:

na primeira vez com drogas dos outros, mas a boate era minha, a casa era minha, eu realmente também vendia, só que aquele dia eu não tinha droga, a droga não era minha e fui presa por causa de uns plasticozinho que tinha ali, espalhado ali no chão, me prenderam, fiquei 5 anos e pouco.

Na segunda vez fui presa por causa do filho, o filho envolvido com pessoas lá dentro do Presídio, pra fazer bonito pra essas pessoas lá dentro, entendeu? Em 2013 eles mandaram na minha casa um carvão com droga dentro, com não sei quanto de maconha dentro, a vizinha se propôs a levar isso no presídio, disse que eu tinha mandado pro meu filho, peguei 8 anos. Manda pra minha mãe, minha mãe não vai ver nada mesmo, vai entregar o carvão aí, tranquilo, não precisa nem dizer nada pra minha mãe e até hoje ele me mente, diz que não sabia...como não ia saber? Eu tenho uma mágoa muito grande.

Mesmo sem se “ver” como traficante, reconhece que o comércio das drogas trazia vantagens financeiras que foram decisivas para essa “escolha”:

A minha história simplesmente não estou culpando ninguém, mas eu vi uma possibilidade também de melhorar minha vida e melhorar das minhas colegas, foi o que aconteceu comigo... Na época pude ter meu carro, pude pagar os aluguéis, pude pegar cinco, seis mulheres que trabalhavam para mim e entrar numa boutique para elas poderem comprar, tudo me pagavam direitinho. No ano novo ninguém entrava de roupa velha na minha casa, era tudo com roupa nova, né? Eu não tenho vergonha disso...foi errado? Foi guria, foi errado, vender droga, infelizmente é errado, mas eu pude ajudar algumas pessoas, né? Fiz alguns casamentos, algumas se casaram até com estancieiro, mulheres que hoje estão muito bem de vida.

Quando se tem o contexto de ação de Maria no tráfico de drogas, nas suas disposições, percebe-se em suas escolhas, que o passado incorporado em suas disposições individuais familiares advindas de suas relações paternas, especialmente as de natureza moral, não são ativadas, considerando-se a rigidez de comportamento de seu pai e a disposição de “resistência” à rigidez do pai quando ingressa na criminalidade.

Maria diz que não tinha relação com nenhuma organização criminosa quando vendeu droga em sua boate em Pinheiro Machado. Também disse que não mantinha nenhum contato com os presos no PRB acusados de liderarem facções criminosas responsáveis pelo tráfico

de drogas. O filho que cumpre pena por tráfico de drogas em Bagé foi condenado por tráfico de drogas, havendo o inquérito policial feito referências a um traficante líder da organização ZL- Zona Leste que é aliada da facção “Manos” do Vale do Sinos. Por intermédio desse filho, como mencionado anteriormente, que Maria teria conseguido inicialmente a droga para vender em sua boate. A relação com o filho, depois do episódio que determinou a sua segunda prisão- que seria “culpa” dele- ficou muito estremecida:

foi ele e quem me arrumou essa cadeia agora que eu estou terminando foi ele. Nunca deixei faltar nada pra ele, nunca deixei faltar nada, eu cantava até as 6 horas da manhã, entendeu? Acho uma pessoa muito mal-agradecida, acho ele muito mal-agradecido. Desculpa, é meu filho, mas...A primeira vez que estive presa ele era casado e nunca veio na porta da cadeia pra trazer uma bala nem um doce. Aí eu mandei uma carta, muito doída pra uma amiga minha que tava saindo pro PAC em Candiota, ele tava numa firma muito bem empregado em Candiota e aí comoveu, veio me ver um dia só, me deu 100 reais e nunca mais apareceu, entendeu? Então quer dizer assim que...como é que eu vou dizer...bah! mas que mãe é essa? mas que filho é esse? Ah mãe perdoa...mãe perdoa, mas eu não sou tão idiota assim né? Então deixa ele lá, eu aqui, um dia a gente se encontra, vai conversar, botar os pingos nos is, mas não é o momento. Não é o meu momento de procurar ele, não é meu momento, ele foi contra meu casamento na prisão, ele me ameaçou de morte. Hoje eu tenho uma casinha, minha casinha ta ali, tranquila, entendesse?

O filho, na segunda prisão de Maria, quando ele foi também preso, reprovou a “liga” que Maria fez com Augusto- condenado por tráfico e homicídio. E nesse momento romperam as relações. A briga com o filho é mais uma das “rupturas” de Maria- que em alguma medida já havia rompido com filho mais novo quando do seu retorno à cidade natal.

Além de cantora, Maria se define como artesã e foi com o trabalho das bonecas de pano que produzia e das lembrancinhas que vendia que se mantinha no Presídio e com o que pode se “reorganizar” fora do presídio, depois do cumprimento da primeira pena:

eu saí da primeira cadeia com 2.400 reais lá de dentro, trabalhados, vendendo boneca, o diretor conseguia...tu ias fazer uma festa, tu querias fazer lembrancinha, eu fazia lembrancinhas, eu fiz o sininho aquela do Peter Pan. 60 sininhos, na época, eu pegava 15 reais cada bonequinha, eu fazia dinheiro, eu saí com 2.400, saí muito bem, do meu sacrifício eu saí com 2.400, eu trabalhava no café lá de manhã e no intervalo eu estava costurando, entendeu?

Gosta de falar sobre aquela que define como sua principal atividade laboral: empresária- foi dona de boate, antes da primeira prisão, dona de bar já na cidade de Bagé, depois de cumprir a pena de sua primeira condenação. Quando cumpriu a pena de sua segunda condenação, manteve um negócio para venda de lanches com o companheiro que arrumou no PRB. Quando foi para prisão domiciliar, seguiu com seus empreendimentos de dentro do Presídio, ficando responsável pela compra e envio dos ingredientes para dar continuidade ao negócio e pelas articulações para envio desses materiais- o que fazia comprando “lugar na sacola” de outros visitantes de apenados nos dias de visita e pela

cobrança, do lado de fora, dos lanches que eram vendidos na cadeia. Depois que saiu da casa do sogro e alugou uma casa na última rua, de um bairro na zona leste de Bagé, iniciou um brechó de roupas usadas, vendeu roupas e comercializou bebidas e salgados.

Maria se identifica e define como “mulher” “trabalhadora” – uma disposição herdada do pai. O ser uma “mulher trabalhadora” pode “sublinhar sistemas de significação e representação que constroem a classe como categoria cultural” (Brah, 2006, p. 362).

Desde que tomou “as rédeas de sua vida”, rompendo com os modelos socialmente definidos, quando, com suas escolhas, abandonou “a vida normal que tinha” e o “emprego” tradicional arrumado pelo pai, foi buscar “tomar seu lugar e fazer de si seu melhor patrimônio” (Bendassoli, 2000, p. 217). Na história de Maria e de seus empreendimentos há uma correlação entre capacidade de ação e de mobilização” que a leva a “inventar” seus empreendimentos (artesã, professora em oficinas de costuras, comércio de lanches, de roupas) ainda que na ilegalidade (da atividade ou do comércio), para poder “superar a situação de vulnerabilidade” que enfrentava (Martins, 2020, p. 6).

Maria ora todos os dias, pela família, pelo pai, pelos filhos, pelos netos. Diz que a “fé foi fundamental” na vida dela, que “sua fé não se abala” e “Deus tá no meu amanhecer, no meu dia inteiro e na minha noite” - evangélica como a mãe, gosta de pensar que a experiência do encarceramento serviu para fortalecer ainda mais sua fé. No seu “mundo primitivo da configuração familiar” a mãe era a pessoa que professava sua fé evangélica com muita devoção. Maria foi levada para a Igreja pela mãe- e a relevância da crença religiosa foi comungada também com o filho de Maria que permaneceu morando com a avó enquanto a mãe esteve presa no sul e que canta música gospel .

Em seus relacionamentos afetivos, Maria sofreu com uma sucessão de relacionamentos abusivos, desde o primeiro namorado que a trouxe para o Sul, até o último “casamento” decorrente de uma “liga” que fez na sua última prisão. Trabalhava sem contar com a ajuda dos namorados/companheiros. Mesmo quando exercia o papel de provedora, tinha uma posição de subordinação a esses companheiros/namorados- como sua mãe em relação a seu pai. Nos casamentos realizados na vida “dentro” da prisão, manteve seus relacionamentos para não ficar “sozinha”.

Foram os casamentos ou namoros que garantiram a possibilidade de “não enfrentar uma cadeia sozinha”, o afeto, o amparo do marido/companheiro/namorado e da família dele:

Na minha primeira cadeia, eu me caso no presídio, por que guria? O que acontece, me desculpa, vou ter que ser franca, como é que você vai ficar numa cidade, sem família, sem uma ajuda financeira, então as meninas diziam: olha, casa com o chefe da cozinha, que tu vais ficar bem, né? Os outros não tem condições, ele tem condição, a mãe dele visita, vai te trazer uma bolsinha, vai trazer umas coisinhas boas na bolsa, eu não amava, não sentia nada pelo cara, mas o medo de passar fome, o medo de passar por necessidade, eu acabei casando, fiz a “liga” com ele e fiquei com ele, só que ele na rua não funcionou, nós dois na rua não funcionou porque ele me mentia,

até eu descobrir, peguei ele usando droga, ele começou a ficar agressivo, ele começou a querer me bater e eu não aceitei.

O fim de seu primeiro “casamento” no Presídio de Bagé é compartilhado e apoiado pela mãe, ainda viva na época

o que que acontece, ele era o certinho, ele era um cara boa praça, um cara que tu olhas assim todo mundo gosta, só que pra mim ele me mentiu porque eu peguei ele de noite numa carreira de pó e eu não gostei daquilo, eu não uso droga, eu não fumo nem cigarro, então eu...daqui eu vou sair. Daí eu liguei, minha mãe era viva, mãe, negócio é o seguinte, eu to aqui com o Paulo, ele paga o aluguel só que eu não vou ficar mais, ele me agredeu, mandei as fotos do meu braço machucado e tudo e ela disse: sai daí que eu te dou a metade do teu aluguel, eu te dou e a minha mãe que me deu essa força pra mim poder sair desse relacionamento. Aí o que que eu fiz, aluguei um sobrado que na época era vermelho, eu aluguei ali, só que o dono do sobrado, começou a prestar muita atenção em mim, que eu era muito rápida, eu convidava as pessoas...já tava vendendo comida na cara dura, sabe? Já tava vendendo marmitech, não tava nem aí, eu precisava trabalhar e ele disse: vou vender meu bar, tu não queres comprar? Eu comprei o bar dele com 33 reais no bolso devendo 5 mil. Paguei tudo, montei o meu bar maravilhoso, saí dali, por isso que eu tenho medo dos relacionamentos.

O segundo “casamento” de Maria aconteceu em agosto de 2020, quando começou trocando bilhetes, recados passados pelas colegas que trabalhavam na cozinha e até por algum funcionário do Presídio:

Eu cheguei na triagem, que a gente tem ficar na quarentena do COVID e ele veio fazer o exame lá na frente ficou no refeitório bem na frente e eu não gostava desse homem, de jeito nenhum, tinha pavor, achava ele arrogante, metido, aí olhei pra ele, ele me deu um sorrisinho, e eu disse: tu tá indo embora? Ele disse: vou fazer exame, não sei o que, sei o que, sei o que, eu quero conversar contigo, posso mandar um bilhete para ti? Ai meu Deus! Aí disseram pra mim que ele era analfabeto, não sabia escrever, ai, essas carta cheia de amor pra dar, alguém tá lendo minhas cartas, pensei...era mentira, ele sabe ler, sabe escrever muito bem.

Maria casou-se, pela segunda vez, com esse preso com quem trocou bilhetes apaixonados- “deu liga³”. “A liga” só acontece com a aprovação da Administração da unidade prisional, considerando-se, entre as desvantagens da união, que essa possa causar “tumultos” dentro da unidade prisional:

A liga é assim, ele vai, manda o bilhete pra eles lá, eu também mandei um bilhete e aí se eles acharem de comum acordo fazer o casamento da gente, faz lá dentro, agora eu na rua tive que fazer união estável no cartório, fazer tudo direitinho...Ah! Dependendo do preso ou da presa, eles não deixam casar-se, por exemplo, a mulher é ex-mulher de um cara lá dentro, aí já não deixa fazer o casamento, porque de repente ela se casa com o preso, o outro leva uma facada lá dentro, então tem que ver se não vai dar nenhuma confusão No dia da liga, eles fazem e o preso assinar, a gente não, mas o preso que vai

3. A liga é o nome dado ao “casamento” ou “união” que acontece entre uma mulher presa e um homem que esteja cumprindo pena na mesma unidade prisional.

receber a visita ele assina, que ele tá autorizando que aquela presa vá visitar ele (risos), mas é complicado porque aqui fora não tem essa palhaçada não é?, aqui fora não tem isso aí. Aí tu tens que pedir autorização...ai que horror!

Esse ritual narrado por Maria, não encontra previsão legal, só existe para quem já “deu liga” com alguém durante o cumprimento da pena. O companheiro com quem fez “liga” na segunda vez em que cumpriu pena, telefonava inúmeras vezes durante o tempo em que realizava as entrevistas já fora da prisão. Nas entrevistas realizadas depois que já estava na casa que alugara percebia que Maria era “controlada” nos afazeres de seu dia a dia. Sentada ao seu lado quando falava no telefone chegou a ouvir palavrões ditos pelo companheiro, de quem terminou se separando. Em uma das entrevistas disse que “agora aqui do lado de fora não faz mais sentido me submeter a isso”.

Maria fala de sofrimento em dois momentos de suas falas- quando refere seus relacionamentos com seus namorados/companheiros e ao relatar a experiência do encarceramento:

O sofrimento que eu passei lá dentro não quero pra ninguém. As mulheres lá dentro, como é que eu vou explicar aquele lugar...a gente tá enclausurada, todo dia você olha pra cara da mesma pessoa, um dia ela acorda bem, outro dia ela acorda mal, se você não tem um entendimento do outro tu acabas te pegando a pau, jogando água quente, fazendo...até por uma bobageninha assim, tu acabas...

Um lugar marcado por uma rotina bastante estressante, que inclui desde os desentendimentos na divisão dos espaços na cela, o não compartilhamento das televisões, do volume alto da TV ou do som:

Presídio me ensinou que quem não tem família, tem que se adaptar, isso aí o presídio me ensinou. Eu não tenho mais família, eu não tenho acesso a uma sandália, não tenho acesso a uma calça, então vai lá e costuro aquela que eu tenho. Eu antes não dava valor para isso né? Eu tinha dinheiro, eu ia lá na loja comprava. Hoje não, a loja...Hoje eu olhei um tecido ali na Marisa (dá de ombros) isso é supérfluo, não fica aquela compulsão. Hoje cheguei e falei pro meu sogro, ah! Tu mandaste olhar uma blusinha pra entrar o ano, mas eu gostei de uma roupa de 129 reais, eu achei um absurdo, eu não daria, não dou 129 reais por uma saia branca que tá lá porque eu acho assim, eu vou usar no ano novo e tenho certeza que não vou ficar usando aquele troço branco pra andar na poeira aí. Ele ficou me olhando... não vou comprar, e outra coisa, eu compartilhei no face: o papai noel usa a mesma roupa a centenas, milhões de anos e não troca, porque que eu tenho que tá preocupada com roupa pro Natal, não é? (risos).

O “ser mulher” na cadeia é para Maria sinônimo de enfrentamento de uma maior solidão- a cadeia para ela é lugar de muitas desigualdades.

A condição de subalternidade da mulher está presente desde às diferentes oportunidades de trabalho interno e externo entre homens e mulheres durante o cumprimento da pena, até a própria ocupação do espaço prisional.

Maria não se entende como uma “bandida” - ela se vê como uma mulher que sempre precisou trabalhar para viver e sustentar os filhos. Maria se vê como mulher, como mãe e como trabalhadora.

Sua identidade, a partir de sua própria história, é resultado da articulação do que viveu, somada: “as fantasias internas pessoais, e a realidade externa, o mundo real... ela não é imutável, se encontra em permanente formação...é a forma como o sujeito se vê e pensa ser visto no mundo” (Boclin, 2003, p. 9).

Para ela, o papel social da mulher na formação da família está relacionado a padrões tradicionais vinculados à maternidade, como “a formação moral e o sucesso na vida social” (Nogueira, 2011). Em sua narrativa Maria conta dos dias que a rotina da cadeia era quebrada com a chegada de alguma mulher na unidade prisional. Nesses dias corria para espiar por uma janela para poder gritar: “onde que a tua mãe tava? Onde tava tua mãe”, depois de contar esse episódio onde revela censura à ação daquelas que seriam suas colegas de cela, olha e afirma “minha mãe não tem culpa do que eu fiz, eu matei a minha mãe, eu acabei com a vida da minha mãe.”

Maria contou muitas particularidades das experiências na prisão, as dinâmicas da prisão, de seus relacionamentos com o primeiro e segundo marido arrumados na cadeia, explicou a linguagem daquele lugar, que para ela é sinônimo das piores experiências de sua vida.

Fora da prisão, queixava-se das poucas oportunidades de trabalho, do estigma de ter sido presa, da ausência de assistência por parte dos órgãos estatais, das dificuldades para acessar programas sociais que se iniciavam desde sua não inclusão digital. Seus empreendimentos não lhe rendiam valores expressivos- mal davam conta de pagar o aluguel que agora tinha como responsabilidade. Não podia perder o espaço de sua casa- que era uma conquista e seu lugar de trabalho- não queria essa ruptura neste momento da sua vida. Contou que quando conseguia “fazer uma faxina”, não podia deixar escapar que tinha sido presa porque “ninguém aceita uma coisa dessas.” Não queria voltar para o tráfico para não voltar para a prisão.

Terminou de cumprir sua pena em 30 de julho de 2022, e, cansada das dificuldades enfrentadas “fora” da prisão, para poder manter seu sustento sem precisar voltar a traficar, no dia 08 agosto de 2022, voltou para sua cidade natal- a irmã mais nova comprou e lhe enviou a passagem de avião. O pai lhe recebeu de braços abertos- “era o sonho da minha mãe” - “ele me deu o imóvel onde tenho agora meu comércio” – era tudo que eu queria e tudo que eu precisava. Diz que os irmãos sempre foram unidos e que estão lhe apoiando. No início de maio de 2023, quando conversamos por telefone, contou que não tem namorado porque tem trabalhado demais, e que por isso não sobra tempo já que agora tem que cuidar do seu negócio onde produz tudo- de sorvetes a marmitas e doces.

Em 2025, Maria continua trabalhando na capital – agora está em um restaurante mineiro- não fala de namorados, mas diz que está bem, está perto da família e convivendo com seus familiares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada pessoa carrega consigo um patrimônio de disposições incorporadas nos diversos momentos de socialização e de interações sociais. Nas dinâmicas e relações sociais as presenças das disposições patrimoniais individuais dependem do contexto de sua atualização.

O homem plural de Lahire contempla uma concepção de indivíduo que é ao mesmo tempo singular e plural, pois cada um é produto dos variados e muitos processos de socialização que acontecem necessariamente em contextos que não são idênticos nem homogêneos.

A história de uma mulher que experimentou o confinamento em uma unidade prisional por seu envolvimento no comércio ilegal de drogas pode ilustrar a concepção proposta por Lahire, quando o indivíduo é visto como plural, refletindo as diversas influências de suas experiências de socialização. A trajetória de Maria pode ser entendida a partir dos diferentes contextos sociais nos quais esteve inserida. Diversos fatores moldaram suas escolhas e sua identidade revelando que, apesar de sua singularidade, ela é resultado de um conjunto complexo de interações que não se limitam a uma única narrativa, mas que entrelaçam diversas facetas de sua vida. A história de Maria destaca a multiplicidade de influências que configuram o indivíduo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. Do habitus de classe aos patrimônios individuais de disposições: reflexões sobre a prática em Pierre Bourdieu e Bernard Lahire, **Revista Sociologias**, Porto Alegre, ano 18, n 42, maio/agosto 2016, p. 294-327. disponível em <https://seer.ufrgs.br/index.php/sociologias/article/view/56262/38353>, último acesso em 13 de março de 2025.

BENDASSOLLI, Pedro Fernando. Público, privado e o indivíduo no novo capitalismo. **Tempo Social**, São Paulo, v. 12. n. 2, p. 203-236, nov. 2000.

BOCLIN, Mônica Carvalho Pinto. **Tempo, feminino e identidade:** a imagem feminina na velhice. 94 f. 2003. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC- Rio, 2003.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, Campinas, s/v, n. 26, p. 329-376, jan./jun. 2006.

HALL, Stuart. Nascimento e Morte do Sujeito Moderno. In: **Identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 4^a ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

LAHIRE, Bernard. Esboço científico de uma sociologia psicológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 373-389, mai./ago. 2008.

LAHIRE, Bernard. **O Homem Plural**: molas da ação. Lisboa: Stória Editores, 2001.

LAHIRE, Bernard. Patrimónios individuais de disposições: para uma sociologia à escala individual, **Sociologia, Problemas e Práticas**, n. 49, p. 11-42, 2005.

LAHIRE, Bernard. **Retratos sociológicos**: disposições e variações individuais. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LAHIRE, Bernard. Sociologia à escala individual, psicologias e neurociências. **Revista Latitude**, v.15, n.2, p.277-305, 2012.

LAHIRE, Bernard. **El trabajo sociológico de Pierre Bourdieu: deudas y críticas**. 1 ed. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005a.

LAHIRE, Bernard. Do homem plural ao mundo plural. Entrevista. Revista **Análise Social**, online, v. 202, n. 1, p. 195-208, 2012.

MARTINS, Barby de Bittencourt. (In)visibilidade das mulheres nas “novas” políticas sociais brasileiras. **Cadernos Pagu**, online, s/v, n .58, 2020.

NOGUEIRA, Eder Luiz. **Mulheres que perderam filhos**: uma questão de identidade e maternidade. 2011. 153 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

POLLACK, MICHAEL. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

RODRIGUES, Renan de Oliveira. A sociologia de Bernard Lahire e suas críticas à sociologia de Pierre Bourdieu. **Revista Sinais**, n.22, v. 1, 2018, disponível em <https://periodicos.ufes.br/sinais/article/view/18654>, último acesso em 15 de março de 2025.

VANDERBERGH, Frederic. **A sociologia na escala individual**, 2017, disponível em blogdolabemus.com/2017/06/13/a-sociologia-na-escala-individual-1-por-frederic-vandenbergh/, último acesso em 12 de março de 2025.